

A REPRESENTAÇÃO CARICATA EM TORNO DA IMAGEM DE CARLOTA JOAQUINA DE BOURBON – PRINCESA DE PORTUGAL ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX¹

Gabriela Marcon Hilario²

Ricardo Neumann³

RESUMO

Este trabalho destina-se a apresentar o resultado da pesquisa intitulada “A representação caricata em torno da imagem de Carlota Joaquina de Bourbon – princesa de Portugal entre os anos de 1785 e 1830”. Nesta, utilizou-se uma pesquisa exploratória e qualitativa, e analisou-se por meio de pesquisa bibliográfica, tanto a vida quanto o contexto histórico em que a personagem estava inserida, como também a imagem caricata apresentada em obras literárias e cinematográficas, procurando responder por que a imagem de Carlota Joaquina Teresa Cayetana de Bourbon é retratada de forma tão caricata. Assim sendo, o presente tema se torna importante no campo histórico, uma vez que a imagem de mulheres sempre são alteradas ou excluídas quando retratadas na história do Brasil. Este é o caso de Carlota, onde a sátira foi um dos meios utilizados para construir um personagem tão caricato e que a transformou em uma vilã na História do Brasil e de Portugal. Para esse fim, autores como João Felício dos Santos, Marcus Cheke e a cineasta Carla Camurati, foram utilizados.

Palavras-chave: Carlota Joaquina. Representação. Caricata.

INTRODUÇÃO

Quando lembramos da figura histórica de Carlota Joaquina de Bourbon, a primeira imagem que vem na mente de grande parte das pessoas seria a de uma mulher feia, fria e infiel, que importunava a vida do monarca português, Dom João VI, seu marido. Isso porque, diversas das obras que a referenciam, apresentam sua figura da forma mais escrachada possível.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Licenciatura em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Banca examinadora composta por: Giancarlo Moser; e Silvana Silva de Souza.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Autora do presente trabalho.

³ Doutor em História – UFSC. Professor Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, nos cursos de História e Relações Internacionais. Orientador do presente trabalho.

Carlota Joaquina foi uma mulher presente tanto na história do Brasil, quanto de Portugal. Entretanto, sua imagem é construída, desenhada e manipulada – em função dos conflitos e tensões causados pela disputa de poder dos séculos XVIII e XIX –, como uma mulher devassa, maquiavélica e histérica, e nunca como perspicaz e inteligente. Com base no exposto, apresenta-se a temática deste artigo: A representação caricata em torno da imagem de Carlota Joaquina de Bourbon.

Vale lembrar que:

Na América portuguesa, entre os séculos XVI e XVIII [...]. O corpo da mulher era diabolizado. Seu útero, visto como um mal. Suas secreções e seus pelos, usados em feitiços. Seu prazer, ignorado pela medicina, por muitos homens e até por muitas mulheres. Para as que quisessem as bênçãos do sacramento do matrimônio, a virgindade era obrigatória. A tradição, dotes, heranças e bens assim obrigavam. Adulterio feminino? Passível de ser punido com a morte. (DEL PRIORE, 2011, p. 38)

Entendendo então que a figura de Carlota Joaquina é retratada como uma mulher transgressora destas normas morais e éticas impostas às mulheres da época, e que suas biografias e fontes trazem desde o título um rancor e desprezo pela história da personagem – como por exemplo: Carlota Joaquina, a rainha devassa, de João Felício dos Santos (1968), e Carlota Joaquina, a rainha intrigante, de Marcus Cheke (1949) –, procura-se responder à seguinte pergunta central: Por que a imagem de Carlota Joaquina Teresa Cayetana de Bourbon é retratada de forma tão caricata?

Esse tema fundamenta-se pela importância que representa ao campo histórico, principalmente pelo fato de a imagem da mulher sempre ser alterada, ou excluída, quando retratada na história do Brasil. Nesse sentido, Hahner (1981, p. 24) diz que, “por muitos anos as mulheres estiveram ausentes ou desfiguradas na história brasileira. Como em qualquer parte do mundo, não se fez justiça no papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país. Pouco se sabe de suas vidas, papéis e experiências no passado [...]”.

Carlota Joaquina de Bourbon é um exemplo desse fato, demonstrada de forma cômica e burlesca na história, como uma mulher excêntrica, pervertida e desequilibrada, uma traidora tanto de seu marido Dom João VI, como do reino. Em razão disso, é importante questionar, a quem interessa manter como caricata a figura de Carlota Joaquina de Bourbon?

Dessa forma, se torna importante o estudo do tema, pois ele busca identificar como a figura de Carlota Joaquina é apresentada em livros e no cinema, e analisar

por que sua imagem é tão desfigurada. Sendo esse o principal objetivo; Analisar como a imagem de Carlota Joaquina Teresa Cayetana de Bourbon é retratada e por que sua representação é sempre tão caricata.

Assim, o propósito deste artigo se fundamenta em três pontos principais: identificar em qual época e contexto vivia Carlota, observar de que forma a imagem de Carlota Joaquina é construída na história e discutir por que sua imagem é tão grotesca em obras que retratam a história de sua personagem.

A pesquisa realizada para esse fim, foi a pesquisa exploratória que “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-la mais explícita ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.” (GIL, 2002, p. 41) sendo uma pesquisa qualitativa, onde o foco não está em quantidades. Também foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que decorreu da necessidade de se fazer leituras, análises e interpretações de fontes secundárias, buscando tanto livros históricos que tratam da vida real de Carlota, como também de romances, que possuem uma construção caricata da imagem dessa personagem, e contribuem para a construção do imaginário sobre essa personagem histórica.

O artigo está dividido em três seções, sendo elas: a primeira, intitulada de “Época e contexto no tempo de Carlota Joaquina”, onde apresenta as principais informações sobre o contexto histórico no período em que Carlota viveu. A segunda parte é intitulada de “A construção da imagem de Carlota Joaquina na história”, onde traz as representações burlescas feitas da personagem. E a terceira parte é intitulada de “Uma análise sobre a vida e a construção caricata da imagem de Carlota Joaquina de Bourbon”, trazendo a análise sobre o porquê de Carlota ter sua imagem retratada de forma tão caricata em obras literárias e também no filme *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, de Carla Camurati.

ÉPOCA E CONTEXTO NO TEMPO DE CARLOTA JOAQUINA.

Entre os séculos XVIII e XIX uma importante família mudou os rumos da história de Portugal e do Brasil, a família Bragança. Vivendo em um período marcado por ideais republicanos, abolicionistas e separatistas, a imagem de figuras monárquicas absolutistas como a de D. João VI e Carlota Joaquina foram muitas vezes construídas de forma pejorativa. Por esse motivo, “no decorrer do século 19, a

imagem negativa do monarca [Dom João], e de seu governo, foi ampliada por uma historiografia de matriz liberal, mais tarde incorporada pelos republicanos, como forma de oposição ao regime monárquico” (DUARTE, 2018, p. 2). Melhor dizendo, essa imagem negativa construída em torno da família Bragança, foi exercida como um meio de lutar contra o absolutismo monárquico da época.

Esse absolutismo monárquico, foi um sistema político que predominou na Europa do século XVI ao século XVIII, onde um monarca, possuía o poder absoluto sobre o reino. Isso até o final do século XVIII, onde a França, inspirada nos ideais iluministas, iniciou uma revolução para acabar com o absolutismo (Revolução Francesa), e assim criou paradigmas de liberdade desse antigo regime por toda a Europa. Países como a Espanha e Portugal possuíam essa forma de regime absolutista, em Portugal, a dinastia Bragança reinava desde 1640, e foi a última dinastia de reis e rainhas portugueses, que reinou no país.

Por conta de todo esse período conturbado, não são poucas as obras que referenciam a família Bragança de forma escrachada, desde os títulos de biografias, às peças de teatro e filmes, esses personagens da história brasileira ou ficam esquecidos, ou são lembrados com zombaria, uma vez que, “nas mais diversas sociedades, em diferentes tempos históricos, o riso, a sátira, a zombaria, o grotesco foram manipulados para pensar, representar e fazer política. Neste sentido, as figuras que representam o poder político são, geralmente, os principais personagens do humor”. (DUARTE, 2018, p. 1)

Em vista disso, os Bragança do século XVIII não são diferentes. podemos observar a representação em obras literárias e cinematográficas – principalmente de autores liberais do século XIX e XX –, de D. Maria I, como uma rainha louca; D. João VI como um rei medroso, indeciso, bonachão, com poucas noções de higiene e que vivia comendo coxinhas de frango que deixava guardada dentro de seus bolsos; e, D. Carlota Joaquina, como uma mulher fria, maquiavélica, feia, e infiel ao marido.

Sobre isso, Duarte (2018, p. 14) comenta:

[...] a corte joanina foi tema de diversas narrativas que tiveram grande repercussão nacional e apresentaram visões da história marcadas pela sátira, pela paródia, pelo escracho, pelo burlesco etc. e que, deste modo, estiveram muito distantes de revelar uma “especial afetividade” do público brasileiro por seus “primeiros monarcas”.

Pensando nisso, é necessário primeiro conhecer o período em que essa família viveu, para entender esse modo ridicularizado de demonstrar os Bragança, e

como coloca Cheke (1949, p. 56), “é impossível compreender os acontecimentos históricos do fim do século XVIII e do início do XIX [...] sem apreender exatamente qual era o espírito dessa época”.

O fim do século XVIII foi marcado pela propagação de ideias iluministas pela Europa, que se espalharam pelo mundo e inspiraram revoluções, como a Revolução Francesa, em 1789,

o fato é que no final do século XVIII todo o mundo civilizado se transformou num campo de batalha, tendo de um lado os entusiastas liberais que acreditavam nêles e do outro a minoria representativa da tradição conservadora. (CHEKE, 1949, p. 57)

Esses eventos alteraram drasticamente a vida na Europa, colapsando o absolutismo e enlouquecendo monarcas como, a rainha Maria I de Portugal, e o rei George III da Inglaterra, uma vez que, o Rei absolutista da França, Luís XVI, e sua esposa, Maria Antonieta, tiveram suas cabeças decepadas na guilhotina pelo povo francês que queria o fim do absolutismo. Tanto o Reino da Espanha, como o Reino de Portugal, possuíam um regime de monarquia absolutista.

Nunca, em toda a história da humanidade, as monarquias européias tinham vivido tempos tão turbulentos e atormentados. Foi o período em que reis e rainhas eram perseguidos, destituídos, aprisionados, exilados, deportados ou mesmo executados em praça pública. Em resumo, era uma época em que os monarcas literalmente perdiam a cabeça. (GOMES, 2007, p. 38)

Outro personagem da família real que também teve sua trajetória de vida extremamente influenciada pelas mudanças desse período do século XVIII, foi Carlota Joaquina Teresa Cayetana de Bourbon e Bragança, dentre os monarcas citados da família real Bragança, essa figura em específico, recebe interpretações ainda mais depreciativas que os demais.

Filha primogênita do rei Carlos IV da Espanha, Dona Carlota Joaquina foi princesa de Portugal, rainha de Portugal, Brasil e Algarves e imperatriz honorária do Brasil. Mas, lembrada como a esposa de D. João com quem se casou quando era ainda criança, e com quem teve 9 filhos. Um casamento arranjado por procurações para traçar uma união diplomática entre as Coroas Ibéricas de Espanha e Portugal. Foi uma união dinástica entre membros das famílias soberanas, onde na época, essa união era um dos instrumentos fundamentais para manter as alianças, a estabilidade política e os arranjos diplomáticos, além de garantir herdeiros ao trono.

Nascida em “25 de abril de 1775” (CASSOTI, 2017, p. 18), no palácio de Aranjuez, na Espanha, Carlota era a primeira filha a sobreviver ao parto dos príncipes de Astúrias. Porém, mesmo sendo a descendente direta mais velha, não

tinha direito ao trono Espanhol, em virtude da Lei Sállica⁴, que desde 1700 determinava que as mulheres não poderiam herdar propriedades e que todas as terras deveriam ser transmitidas aos membros masculinos da família. Deste modo, a lei proibia as mulheres de herdarem a coroa na maioria dos reinos, incluindo a Espanha. Entretanto, em Portugal, a rainha Maria I, subia ao trono em 1777 por direito próprio.

Assim, depois de mais de 50 anos de guerras e atritos entre os reinos de Portugal e Espanha, causados, sobretudo por questões de fronteiras nos territórios coloniais americanos, um tratado de “amizade” foi feito entre as duas coroas para manter a estabilidade na Península Ibérica. Uma dupla união, onde a infanta da Espanha se casaria com o filho mais novo da rainha Maria I, Dom João, e a infanta de Portugal se casaria com Gabriel de Bourbon. “Carlota Joaquina chegou a Portugal com dez anos apenas de idade, para desposar solenemente em junho de 1785 o príncipe João de Portugal, que contava então dezoito primaveras.” (CHEKE, 1949, p. 12)

Mesmo que, até então tivesse 10 anos de idade quando se casou, já era uma criança muito esperta e inteligente, nos exames que prestou na Espanha ainda menina, surpreendeu a todos: “Pouco antes de ser mandada para Portugal, fez um exame perante a corte espanhola e todos se assombraram [...] com os seus conhecimentos de francês, de latim e do Velho e do Novo Testamento.” (CHEKE, 1949, p. 12)

Depois de ratificado o contrato do matrimônio, e a troca das infantas feita, Carlota ainda criança foi viver em Portugal, continuando seus estudos e fazendo, sobretudo, companhia para a rainha Maria I, já que era preciso esperar a mocidade para consumir seu casamento. Mas, inicialmente ela não podia esperar muito da vida naquele país:

⁴ A Lei Sállica foi um código de lei redigido em latim e promulgado em 10 de maio de 1703, compilado pela primeira vez no século VI pelos sálhos (parte do povo germânico dos francos) que tinham conquistado a Gália (Europa Ocidental) no século V. O documento inclui principalmente as multas que tinham que ser pagas por ofensas e delitos. Mas entre suas leis civis havia uma que proibia as filhas de herdarem terras. Este é o aspecto pelo qual o termo lei sállica é empregado com mais frequência, devido fundamentalmente a seu uso errôneo como argumento contra a sucessão das mulheres ou dos descendentes das filhas de reis aos distintos tronos da Europa. Esta lei franca, relativa à herança de terras, foi aplicada à dignidade real com o objeto de evitar que a Coroa saísse do país mediante o matrimônio de uma mulher com um estrangeiro. Disponível em: <<http://history.uol.com.br/hoje-na-historia/promulgada-lei-salica>>. Acesso em: 06 de dez de 2020.

Quando, portanto, Dona Carlota Joaquina chegou a Portugal, nada podia esperar, naquela crte, além de uma tediosa existência como esposa de um filho mais moço. Mas, em 1788, com a idade de vinte e sete anos, o príncipe do Brasil [D. José de Bragança] morreu de varíola. [...] Dona Carlota viu-se então na posio de espsa do príncipe ao qual cabia por sucessão em linha reta o trono português. Quatro anos depois o distúrbio mental da rainha agravou-se a tal ponto que uma conferência médica declarou não haver mais para ela esperança de cura, e Dom João, por um decreto que assinou a 10 de fevereiro de 1792, tornou-se príncipe regente de Portugal. (CHEKE, 1949, p. 17)

Ter o marido como o governante de Portugal, deu esperanças a Carlota de exercer algum poder, assim como sua mãe, Maria Luísa de Parma, exercia na Espanha, porém ela não teve a mesma sorte, não tinha poder naquele reino, e sua influência sobre Dom João em assuntos do governo, era praticamente nula, conforme escreveu Rezzutti (2018, p. 135), "com a chegada de D. João ao poder, a relao entre ele e D. Carlota Joaquina deteriorou-se. Com esta ressentida por ele não compartilhar o poder com ela, o casamento foi desmoronando."

Carlota não queria ser apenas esposa e mãe de governantes, ela queria participar ativamente do poder, mesmo que, grande parte das jovens nobres eram apenas preparadas para se casarem e terem filhos, "já d. Carlota buscava o poder e queria exerc-lo." (REZZUTTI, 2018, p. 137).

Carlota era de fato politicamente ambiciosa, porém, como D. João não a deixava ter poder, "participou de pelo menos cinco conspiraoes, segundo registram os livros de História" (GOMES, 2007, p. 179), para alcançar o que tanto almejava. A primeira teria ocorrido já após D. João se tornar o príncipe regente de Portugal.

Como o marido D. João tinha momentos em que ficava "cada vez mais introvertido e deprimido" (CASSOTTI, 2017, p. 90), Carlota alegou que ele estava enlouquecendo igual havia acontecido com sua mãe, a Rainha Maria I de Portugal, e declarou o cônjuge incapaz de governar. Mas não deu certo, "vazada a conspirao, que ficaria conhecida como 'conspirao dos fidalgos' ou 'conspirao de Maфра', o príncipe regente, num raro assomo de energia, retornou a Lisboa [...], o que pôs fim  trama." (REZZUTTI, 2018, p. 135). Após essa primeira conspirao o casal teria começado a morar em palácios distantes um do outro.

Com isso a fama de Carlota no reino de Portugal, e no Brasil, ficou cada vez pior, tanto pelas críticas sobre sua aparência, quanto por seu temperamento "levada e inquieta quando criança, como mulher tornou-se viva, maliciosa e vingativa. Revelava estranho pendor para o ódio[...]" (CHEKE, 1949, p. 12). Carlota Joaquina

é lembrada como uma mulher transgressora de todas as normas morais e éticas condizente às mulheres de sua época, ainda mais sendo da realeza.

Ela nunca se adaptou ao novo país depois de seu casamento, muito mais espanhola do que portuguesa, Carlota não era acolhida pelo reino, e nem ele por ela. Acostumada aos grandes festejos e músicas animadas de seu país natal, teve que se adaptar a nova corte extremamente carola. Apesar disso, ainda se mantinha leal ao reino português e ao marido, onde, nesse período, o reino espanhol já era um aliado da França revolucionária, e de Napoleão, que exigia dos países da Península Ibérica o fim das relações com a Inglaterra.

Se não bastasse a pressão da França revolucionária, esse outro personagem apareceu na vida da infanta espanhola e do reino de Portugal, o novo imperador da França, Napoleão Bonaparte, segundo Gomes (2007, p. 33):

Em 1807, o imperador francês era o senhor absoluto da Europa. Seus exércitos haviam colocado de joelhos todos os reis e rainhas do continente, numa sucessão de vitórias surpreendentes e brilhantes. Só não haviam conseguido subjugar a Inglaterra.

Apenas um país resistia à pressão feita por Napoleão, a Inglaterra. O bloqueio continental imposto impedia sua relação com os outros países, menos com o comércio de Portugal. Sendo pressionado pela Inglaterra por ser um antigo aliado, era o único país a não ter acatado o fim das relações, fazendo de Portugal um alvo para as tropas de Napoleão. Nessa situação, Dom João precisou decidir sobre duas alternativas, ou cedia as imposições da França, ou fugia para o Brasil, sua colônia, com toda a nobreza do reino.

Como pressão, Napoleão enviou seu exército para prender a família real de Portugal, mas esta já se encontrava em alto mar, rumo à América, no “dia 29 de novembro de 1807” (GOMES, 2007, p. 67). Todos fugiram para o Brasil, era a primeira vez que um monarca pisaria em uma colônia na América. Mesmo contrariada com a partida, a vinda para o Brasil abriu muitas oportunidades para Dona Carlota Joaquina, uma nova chance de ganhar poder político:

Mais tarde, já no Brasil, Carlota tentou assumir o trono das colônias espanholas na América depois da deposição do irmão, Fernando VII, rei da Espanha, por Napoleão Bonaparte. D. João abortou seus planos impedindo que viajasse para Buenos Aires, onde pretendia ser aclamada princesa regente no lugar do irmão. (GOMES, 2007, p. 179)

Essa oportunidade surgiu porque Napoleão traiu a Espanha, o país com o qual tinha se aliado, e invadido Portugal, e assim, o imperador decidiu colocar no trono espanhol o seu irmão, José Bonaparte. Como os herdeiros da coroa eram

prisioneiros dos franceses e o pai de Carlota tinha sido obrigado a abdicar do trono, ela podia ser considerada a herdeira do trono espanhol, já que a Lei Sálica havia sido revogada. Vivendo no Brasil, e tendo as colônias hispânicas ao lado sem uma regência da coroa espanhola, era possível conquistar os domínios espanhóis do vice-reino do Rio da Prata, que corriam o risco de se desmembrar com a ocupação de sua metrópole.

Todavia, nada disso foi possível, além de ser reprimida pelo marido, pelo governo e representantes da Inglaterra que tinham interesses econômicos, as colônias espanholas estavam sofrendo constantes revoltas em busca da independência, algo que a infanta era veementemente contra, a esse propósito, Cheke (1949, p. 58) escreve: “Na qualidade de filha, irmã, esposa e mãe de monarcas absolutos, Dona Carlota Joaquina era um símbolo vivo do velho mundo que então se via ameaçado”.

Sua estadia no Brasil de nada mais adiantava para seus interesses políticos depois da derrota pelo Rio da Prata. E graças à pressão que Portugal fazia para o monarca D. João VI retornar ao seu reino de origem, a corte portuguesa regressou para a Europa em 1821.

Já de volta a Portugal, Carlota teria dois caminhos que poderia seguir. Ela não havia decidido inicialmente de que lado ficar naquele reino, com os liberais que queriam D. João VI como rei constitucional, seguindo fielmente a constituição proclamada por eles, ou com a velha estrutura que, querendo ou não, favorecia ao rei. Mas o Dom João VI não reagiu como ela previra, ele apenas assinou e seguiu todas as imposições dos liberais quando chegou ao reino de Portugal, “não há dúvida de que ela se sentiu profundamente ultrajada com a atitude das cortes não permitindo o desembarque imediato da família real e ditando ordens ao Rei” (CHEKE, 1949, p. 124)

Como uma rainha dita como fria e vingativa, “a seu ver, só havia uma resposta para semelhante insolência. Os deputados deviam ser presos em massa, enforcados, descidos da forca e esquartejados” (CHEKE, 1949, p. 124). Foi decidido por ela então que os liberais seriam seus inimigos. E como primeira ação para opor-se a eles, fez o que consideram o maior feito de sua vida, negou-se a prestar juramento a constituição:

Durante a terceira semana de novembro correu de boca em boca a espantosa notícia de que *a Rainha se recusara a prestar juramento à constituição*. Uma solene delegação fôra a Queluz receber seu juramento,

na suposição de que tudo não passasse de uma simples formalidade. Dona Carlota recebera-os de pé – carrancuda, agressiva e ríspida – e transmitira-lhes sêcamente a sua recusa. (CHEKE, 1949, p. 147)

O povo de Portugal já insatisfeito com as cortes voltou os olhos para aquela rainha que a muito queria atenção e poder, entretanto, ela já cansada com a idade, escolheu seu filho Dom Miguel, para atuar em seu lugar, porém, controlando todos os passos a serem seguidos. Sobre o filho:

Dona Carlota Joaquina adorava-o e, além disso, sua ascendência sôbre o rapaz era absoluta. Era quase como se o mantivesse sob uma espécie de fascínio. Dona Carlota compreendia que pessoalmente ela jamais se tornaria popular. Era uma princesa espanhola, e de mais a mais o povo não gostava dela por causa da sua crueldade para com o velho Rei. [...] Mas Dom Miguel, em compensação, fôra um verdadeiro sucesso, desde o começo. (CHEKE, 1949, p. 131)

O que ela nunca havia conseguido com o povo de Portugal, Miguel conseguiu em pouco tempo, ser aclamado como um líder. Com a morte de seu marido D. João VI, em 1826, e o herdeiro da coroa, o filho D. Pedro, estando no Brasil, pode ela ver seu favorito subir ao trono, e exercer o poder bem como ela sempre quis. “Carlota Joaquina morreu no começo de 1830” (GOMES, 2007, p. 185), antes de ver o filho D. Miguel sendo tirado do trono Português.

À vista disso, Carlota Joaquina de Bourbon passou em sua vida, por momentos bastante turbulentos entre o século XVIII e o século XIX, vivenciou a revolução francesa onde se iniciou a ruptura de “um sistema baseado no direito divino dos reis e nos privilégios da nobreza de sangue.” (CASSOTI, 2017, p. 46), em 1807 fugiu com a corte portuguesa de Napoleão Bonaparte, que havia derrubado a maioria dos regimes monárquicos da Europa, e também presenciou revoluções liberais por toda Europa e América.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE CARLOTA JOAQUINA NA HISTÓRIA.

É inegável o fato de que Carlota Joaquina tenha vivido em uma época conturbada da história, sendo uma princesa que representava a monarquia absolutista e conservadora, não é por menos que sua imagem foi corrompida cada vez mais ao longo dos anos. “Poucas mulheres marcaram tanto o seu tempo quanto Carlota Joaquina. Nenhum outro personagem da época de D. João VI passou para a História com a imagem tão polêmica e caricata.” (GOMES, 2007, p. 178)

Sobre o termo “caricata”, o Michaelis, um dicionário de língua portuguesa, informa que caricato, ou caricatura, é uma palavra que apresenta os seguintes significados:

Semelhante a caricatura.
 Burlesco, ridículo.
 Ator que, nos dramas, tem o papel de ridicularizar.
 Representação que exagera jocosamente as peculiaridades ou defeitos de pessoas ou coisas; charge.
 Imitação cômica ou ridícula.
 Indivíduo ridículo pelo aspecto ou pelos modos. (MICHAELIS, 2009, p. 164)

Nessa situação, *caricata* se apresenta no sentido de exagerar, aumentar algo. Uma imagem caricata acentua as características da pessoa de uma forma humorística, assim como sobressalta gestos e hábitos em determinado indivíduo. Ser caricato é ser objeto de ironia ou ter algo avantajado no seu biótipo corporal, levados ao exagero e à sátira como crítica de costumes. Como é o caso da personagem Carlota Joaquina, retratada assim tanto em produções históricas, como em produções ficcionais, como livros de literatura e filmes.

Vale ressaltar que:

mesmo que um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram. (MARTINS, 2015. p. 3892)

No caso de Carlota Joaquina de Bourbon, a literatura não deixa de ser uma fonte sobre a personagem, principalmente sobre a construção caricata de sua imagem, já que a literatura ficcional também é uma obra influenciada pelo seu tempo, assim sendo, um reflexo do ambiente e condições em que os autores que a escrevem, vivem. Desta forma, “tanto História quanto Literatura são modos de explicar o presente, inventar o passado, pensar o futuro, e utilizam de estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem a abordar.” (MARTINS, 2015. p. 3890)

Sendo assim, Carlota Joaquina, ainda mesmo criança, já tem sua imagem representada por escritores em biografias, livros e filmes – tanto históricos como literários –, de forma grosseira, como para Cheke (1949, p. 12) “por maiores elogios [...] à alvura dos dentes da princesa e a perfeição de seus traços, Carlota Joaquina nem por isso deixava de ser uma menina feia. De estatura abaixo do normal, era ainda por cima bexiguenta.”

A representação da imagem de Carlota é sempre feita de forma muito exagerada, acerca desse termo, representação, ou nesse caso, representar, conforme consta no Dicionário Michaelis, apresenta os seguintes significados:

Ser a imagem ou a reprodução de.
 Pintar, retratar.
 Significar, simbolizar.
 Encenar, exhibir.
 Apresentar-se no lugar de.
 Mostrar à evidência.
 Parecer ter, aparentar, figurar.
 Figurar como símbolo de alguma coisa.
 Desempenhar funções de ator. (MICHAELIS, 2009, p. 748)

Neste caso, a “representação” da imagem de Carlota está ligada ao modo de exibição que a personagem ou objeto é demonstrado. Conforme afirma Santos (2011, p. 29) “em primeiro lugar, a representação designa aquilo por meio do qual se conhece algo. Ou seja, o conhecimento é representativo; Em segundo lugar, por representar pode-se entender conhecer alguma coisa, após cujo conhecimento conhece-se outra. Neste sentido, a imagem representa aquilo de que é imagem.”

A princesa Carlota Joaquina é uma figura histórica que tem sua imagem representada na maior parte das vezes, de forma pejorativa, dita como uma mulher feia, manca e com feições grosseiras.

Sobre a aparência física de Carlota Joaquina de Bourbon, Laurentino Gomes (2007, p. 179) detalha:

Carlota Joaquina tinha os olhos negros e graúdos e a boca larga e voluntariosa, de lábios finos, sobre os quais se destacava o buço escuro e pronunciado. Os ângulos do rosto eram retos e viris. Magra, de estatura baixa e cabelos escuros, tinha a pele morena marcada pelas cicatrizes da varíola, contraída quando ainda era criança. [...] Tinha ficado coxa devido a uma queda de cavalo na infância.

E Gomes não é o único a descrevê-la dessa forma, na maioria dos livros históricos, de romance ou até mesmo em produções cinematográficas, Carlota Joaquina é descrita com características ridicularizadas, já tendo uma imagem construída de forma pejorativa por diversos autores, inclusive para Cheke (1949, p. 20), em seu livro histórico sobre ela, que escreve:

Já nessa época, em 1805, Dona Carlota era talvez a personagem real mais feia que até hoje existiu. Sua estatura ia pouco além de um metro e quarenta e seis, seus olhos eram congestionados e malévolos. Nariz aquilino, queixo de quebra -nozes e lábios arroxeados que se abriam para pôr à mostra dentes enormes, "desiguais como a flauta de Pã".

Dizer que Carlota era a personagem real mais feia que até hoje existiu é um exagero para se fazer em uma descrição, mas não chega a ser a pior definição feita sobre a infanta espanhola. Essa talvez, tenha sido feita por Martins (1886),

Carlota Joaquina, megera horrenda e desdentada, criatura devassa e abominável em cujas veias corria toda a podridão do sangue Bourbon, viciado por três séculos de casamentos contra a natureza, atijava essa chama [o absolutismo] como a hórrida feiticeira, no fundo do seu antro, assopra o lume da sua cozinha diabólica. (apud REZZUTTI, 2018, p. 133)

A princesa espanhola, segundo Martins, seria uma horrível criatura para os portugueses, principalmente para aqueles que lutavam pelo liberalismo, já que ela representava a imagem mais pura do absolutismo monárquico.

Porém além das descrições físicas, suas atitudes também são julgadas a todo o momento na sua história, a respeito de seu temperamento e comportamento na corte portuguesa, a infanta espanhola era considerada insolente para uma princesa. Para Cassoti (2017, p. 36), em seu livro escrito como uma biografia própria de Carlota, “ela” discorre: “A partir do traslado da família real para Queluz, passou-se a comentar que eu me comportava de maneira impertinente, com maus modos e que acompanhava muito mal as lições”.

O mau comportamento quando ainda criança se deve, principalmente, pelo choque entre as realidades dos reinos Ibéricos, a Corte espanhola, fazia grandes festas no Palácio, criando um ambiente de animação e liberdade, se comparado com as outras cortes da Europa. Já a corte portuguesa, possuía um ambiente de um forte catolicismo tradicional e conservador, as festas e celebrações realizadas eram, em sua maioria, as religiosas. E isto, para Carlota, segundo sua biografia não oficial, seria um motivo para aprontar pela corte portuguesa:

Minha decepção por não desfrutar de uma forma de diversão mais leve me levaria a cometer atos considerados impróprios pelo formal e severo protocolo vigente na corte lusa. Uma vez, enquanto almoçava de frente para meu marido, atirei um pedaço de comida para o outro lado da mesa, dando bem na cara de João. (CASSOTI, 2017, p. 37)

E não são poucas às vezes em que são descritas cenas de Carlota aprontando pelo reino de Portugal. Uma muito comum, sobre a relação de Carlota com o marido Dom João, é de sua noite de núpcias, conforme Santos (2008, p. 9), descreve: “Casada aos onze anos incompletos, logo na noite nupcial quase arranca, com tremenda dentada, o lóbulo da orelha direita ao pacífico marido.” Além disso, a princesa da Espanha ainda teria atirado um castiçal na cabeça de D. João.

Mas isso, conforme relatam escritores da família real Bragança, foi apenas o começo do relacionamento dos dois,

quanto mais o tempo passava, mais crescia a irritação de Dona Carlota Joaquina contra Dom João. Ela não partilhava do gosto de seu marido pelas cerimônias eclesiásticas. Repugnava -lhe a sua timidez física, a sua indolência, a sua obstinação. Revoltavam-na seus rasgos de excentricidade; por exemplo, o hábito de carregar no bolso duas caixinhas - uma contendo rapé e a outra pernas de frango assado que chupava nos momentos de desocupação. (CHEKE, 1949, p. 16)

Esse casamento real feito por procuração tinha um propósito, que além de acalmar os ânimos dos reinos Ibéricos, era também importante na época deixar herdeiros para a coroa. “Ninguém na corte acreditava que aquela jovem muito baixa, peluda e de feições pouco agradáveis pudesse engravidar. Mas engravidou e teve vários.” (REZZUTTI, 2018, p. 125)

Apesar das dúvidas, foi uma mulher bastante fértil, que deixou muitos herdeiros para a coroa Portuguesa, mesmo que seu relacionamento com o marido D. João não fosse dos melhores, conforme retratam. “Segundo as más-línguas, somente os primeiros quatro filhos, dos nove que D. Carlota teve, seriam de D. João.” (REZZUTTI, 2018, p. 125). E é por causa disso que varias histórias foram feitas a respeito de sua vida sexual.

Ainda segundo Paulo Rezzutti (2018, p. 126):

O próprio esposo [Dom João] deu margens à discussão sobre a infidelidade da esposa. Em 1802, quando o infante d. Miguel nasceu, o *London Observer*, assim como outros jornais ingleses, chegou a relatar que d. João havia afirmado a vários membros do corpo diplomático que não se considerava pai do recém-nascido, porque já ia para mais de dois anos que não mantinha relações sexuais com d. Carlota.

Isso foi algo que sempre permeou a vida e a história de Carlota Joaquina de Bourbon, os rumores sobre suas supostas aventuras amorosas extraconjugais, onde alguns dos seus filhos, não seriam de Dom João VI. Pois, ainda que descrita como uma mulher feia, fria e maquiavélica, também é muitas vezes retratada como uma conquistadora, assim como expõe Santos (2008, p. 66) em seu romance sobre Carlota:

ouvindo-se-lhe a voz rouca, de gracioso sotaque castelhano (em frases curtas, chulas, picantes com que gostava de escandalizar em torno de si, encobrimdo boa cultura lardeada de conhecimentos gerais do século: sabia latim, francês, italiano...), voz cheia de lúbricos fascínios inesperados, não havia quem, mesmo prevenido, não desbotasse reparos em suas desagradáveis maneiras e mais desagradáveis atributos para sentir-se envolvido e dominado por tanta singularidade.

Carlota é retratada ora como uma mulher ultraconservadora, ora como uma mulher promiscua e sem escrúpulos, em especial nos seus casos amorosos, seria ela “corajosa e sagaz; de uma infidelidade só comparável a própria à própria fecundidade; injusta, feia e pouquíssimo aseada; voluntariosa; destituída de escrúpulos e sutilezas” (SANTOS, 2008, p. 9). É contraditório que uma mulher descrita muitas vezes como fria e a mais feia personagem real que já existiu, tenha sido uma grande conquistadora de vários amantes. Lima (1908, p. 272), também escreve sobre sua capacidade de sedução:

Dona Carlota era capaz de exhibir qualidades de sedução, de certo mais intellectual que physica, visto ser tão desgraciosa. Viva, espirituosa, en redadora, faceira, quando queria, até ultrapassar a decencia, mas sabendo tambem affectar pudores e dignidade de mulher, o facto é que conseguiu que varios homens de merecimento jungissem n'um momento dado os proprios interesses aos seus, e que outros se prestassem a servir-a com zelo e dedicacão.

Deste modo, a princesa, de acordo com Lima, usava também a sedução para conseguir o que queria. Santos (2008, p. 9) sobre seus relacionamentos ainda continua: “manteve, desde muito nova, uma série de aventuras galantes, ora com os mais requintados nobres, ora com os indivíduos mais vulgares ou com o mais inferior dos criados do paço.”

O caso mais chocante de traição contado sobre Dona Carlota Joaquina teria acontecido já no Brasil, e acabou na morte da esposa de seu amante, a D. Gertrudes Pedra Carneiro Leão. Conforme conta Rezzutti (2018, p. 127), “a rainha teria um relacionamento amoroso com Fernando Carneiro Leão, e, ao descobrir o fato, d. Gertrudes ameaçou um escândalo: iria diretamente a d. João VI dar queixa.”

Ora dito como uma fatalidade feita por ciúmes, ora como uma forma de calar a voz da esposa de Fernando, o assassinato teria ocorrido em outubro de 1820, nisso, D. Gertrudes “foi assassinada a tiros de bacamarte, ao apeiar da carruagem em frente a sua casa, no bairro do Catete, no Rio de Janeiro. O crime ocorreu um ano antes de a família real portuguesa voltar a Lisboa e deu origem a uma onda de boatos, segundo os quais a mandante do crime seria Carlota [...]” (GOMES, 2007, p. 183), a respeito disso, a já rainha de Portugal, Brasil e Algarves teria contratado Joaquim Orelha, um homem “muito conhecido pelo senhor corregedor do crime.” (SANTOS, 2008, p. 369)

Ainda em outra versão do crime, tirado de um romance, a própria Carlota Joaquina teria matado Gertrudes, como escreveu Santos (2008, p. 375):

Servida na pistola, ela mesma apontou fúrias na barriga da rival. Puxou solidez num gatilho. Esperou pela detonação, pelo grito de dor, só desenhado no esboço da coragem, pela mancha de sangue que, imediatamente, comissurou nos brancos da saia e, antes da queda final, acionou o segundo gatilho da pistola, com idêntica firmeza, para novo tiro.

Essa cena em que Carlota é a autora do crime contra Gertrudes, também é retratada em um filme feito baseado em sua personagem. Dentre as das obras que mais retratam a imagem de Carlota Joaquina de forma caricata, está também esse filme, *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, produzido em 1994, pela “atriz e diretora brasileira Carla Camurati” (BRUNETI, 1998, p. 153). Este é um filme histórico brasileiro, que, no entanto apresenta a personagem principal da forma mais escrachada possível, bem como o resto dos personagens.

É a forma caricata com que o rei e sua corte costumam ser tratados nos livros, cinema, no teatro e na televisão. Um exemplo é o filme *Carlota Joaquina – a princesa do Brasil*, da atriz e diretora Carla Camurati. A rainha que dá nome à obra, é apresentada como uma mulher histórica, pérfida e ninfomaníaca. D. João como um monarca abobalhado e glutão, incapaz de tomar uma só decisão. (GOMES, 2007, p. 19).

O filme passa-se como se fosse a narração de uma história “feita por um escocês à sua sobrinha, Yolanda” (CARNEIRO e GONÇALVES, 2019, p. 6). E essa narração feita dos personagens históricos na obra não é nem um pouco gentil. Segundo Duarte (2018, p. 16), Carla Camurati se utiliza de uma narrativa feita de um realismo grosseiro: “os personagens gozam de autoridade social, mas esta é vazada por ações e imagens que não condizem com suas posições: seus dentes são podres, a princesa tem bigodes, a corte vive num ambiente de depravassão sexual, gula e escatologia”.

Sobre a forma como Carla Camurati construiu desse modo a família real, ela comenta: “Quando comecei a pesquisar, fui me deparando com tipos cada vez mais hilários e absurdos, a tal ponto que se tornou irresistível retratá-los assim.” (GOMES, 2007, p. 20)

A história do filme é focada em Carlota Joaquina, tanto quando ainda era criança, dita como muito inteligente e com um gênio impossível, e quando já adulta, como uma mulher devassa que teve muitos e muitos amantes.

Conforme consta o Dicio, Dicionário online de significados, devassa – palavra que Carlota é frequentemente descrita –, é um termo que apresenta os seguintes significados:

Ação ou efeito de devassar;

Reunião das ações desenvolvidas para averiguar algo; interrogatório, inquirição;
 Investigação (meticulosa) de um ato criminoso por meio da averiguação dos fatos e/ou do depoimento das testemunhas;
 O desenvolvimento do registro dessa ação;
 Aquela cujo comportamento denota vulgaridade; depravada ou libertina. (DEVASSA in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2020.)

Ou seja, devassa, no Brasil principalmente, é uma palavra que também funciona para caracterizar uma mulher vulgar, que se prostituiu ou se corrompeu, que não tem limites quanto à sua sexualidade, que não possui mais pudores, é uma mulher fácil, indecente e depravada.

E é como uma mulher devassa, que a princesa Carlota Joaquina é reproduzida no filme, deste modo, de acordo com Carneiro e Gonçalves (2019, p. 16), a personagem é definida por sua sexualidade e sua ambição, e pela necessidade de satisfazê-las independente de consequências possivelmente destrutivas.

É válido lembrar que a narrativa do filme *Carlota Joaquina* é abertamente satírica, dirigido para a comédia, mas nem por isso ele deixa de ser uma obra marcante, e que não mede esforços para representar Carlota com todos os estereótipos construídos sobre ela, e descritos acima em diversas outras obras.

UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO CARICATA DA IMAGEM DE CARLOTA JOAQUINA DE BOURBON.

Carlota Joaquina de Bourbon foi uma mulher que nunca se resignou a ser aquilo para qual nascera, somente uma esposa e mãe de reis. Porém, devido à sua época, nunca conseguiu alcançar aquilo que almejava, seja pela falta de apoio do marido para tomar o trono da Espanha, ou pelas falhas tentativas de golpes contra o mesmo.

E como a história é contada por quem vence, e para quem vence, sua história é escrita de forma depreciativa pelos homens. Segundo Azevedo (2003, p. 15), “a historiografia, tanto brasileira quanto portuguesa, tem sido implacável e sempre muito parcial na abordagem da vida pública ou privada da ‘Princesa do Brasil’.” Aqui entra uma questão importante, a quem interessa construir ou manter essa retratação caricata em torno de Carlota Joaquina de Bourbon?

Não se pode esquecer, que até o final do século XIX predominava o estudo de grandes personalidades e também de grandes feitos históricos. Desta forma, o estudo da História sobre as mulheres, quando não inexistente, foi deixada em segundo plano, colocando em evidência os homens que detinham poder, e apagando grandes personagens históricas femininas na memória nacional de cada país:

é necessário destacar que o século XIX é considerado o 'século da História', devido ao grande surto historiográfico e reflexivo e ao correlato conhecimento da utilidade social e político-ideológica do saber histórico. O movimento liberal e as transformações sociais e políticas exigiram dos historiadores da época reinvenções e/ou interpretações do passado como legitimadores de um presente que se quer construir. Nesse sentido, a historiografia, apesar de falar em nome da razão crítica, edifica-se sobre silêncios, esquecimentos e reinterpretações do passado, criando uma galeria de mitos e heróis que são correlatos a diferentes momentos da história nacional. (AZEVEDO, 2003, p. 19)

Além disso, eram os homens que tinham o total poder de conduzir as ações políticas, ao mesmo tempo em que eram os historiadores do sexo masculino que escreviam a história destas ações. Desta forma, a história foi imaginada e construída seguindo a preferência de heróis nacionais, em geral homens.

A consequência disso foi uma subordinação das mulheres nos campos de liderança e poder, e também no objeto de estudo historiográfico, onde suas figuras são representadas de forma adulterada.

Nesse sentido, Rezzutti ressalta:

Muitas mulheres seriam vistas como más por serem ambiciosas e por não rezarem pela cartilha de boas maneiras da época. Qualquer coisa que difere do que é aceito pela sociedade é vista como inadequada. Tudo o que ela não entende é descartado. Quando não é possível ignorar a mulher ambiciosa, que usufrui o seu sexo como quer e que ascende socialmente com força econômica e política, ela é engolida, para após algum tempo ser regurgitada como algo malévolos. (2018, p. 66)

Assim sendo, não é por menos que a história da vida de Carlota Joaquina seja vítima de campanhas desfavoráveis, onde quando não está esquecida, sua imagem é feita de forma negativa, usando-se da sátira, da zombaria ou do grotesco. Essa imagem foi construída sobre Carlota, uma vez que:

No Brasil, os historiadores do século XIX na busca de heróis nacionais, de fundadores da nossa nacionalidade, encontram em Carlota Joaquina o contraponto do modelo idealizado de mulher que dignifique nosso passado, e, no afã de simbolizar a negação do modelo, recuperam as imagens de Carlota Joaquina, forjadas pela memória de seus contemporâneos. (AZEVEDO, 2003, p. 20)

Dessa forma, Carlota é tratada como uma vilã para os escritores liberais do século XIX e XX, como por exemplo, Lima (1908, p. 261), segundo o escritor, seria ela, Carlota Joaquina, “um dos maiores, senão o maior estorvo da vida de Dom João VI [...]”. E isto, porque era uma mulher de fato, politicamente ambiciosa. Considerando que, “existe um verdadeiro processo de demonização de D. Carlota. [...] Vemos repetidamente palavras como “devassa”, “manca”, “feia” sendo usadas por quem se referia a ela, mas dificilmente alguém de sua época chamando-a de inteligente e perspicaz.” (REZZUTTI, 2018, p. 133).

E se em sua época Carlota Joaquina já não foi tratada da melhor maneira, com o tempo sua imagem continuou sendo exibida de forma negativa. Até mesmo sua vida sexual é abertamente discutida.

Nos livros, crônicas e filmes que inspirou, Carlota Joaquina aparece como uma esposa infiel e uma mulher feia, maquiavélica e infeliz. Há suspeitas, mas nenhuma comprovação, de que realmente tenha sido infiel. Feia, maquiavélica e infeliz com certeza foi. (GOMES, 2007, p. 178)

Carlota foi muitas vezes descrita como uma mulher com diversos amantes, e que até mesmo, muitos de seus filhos não seriam de D. João, porém, isso é uma história nunca comprovada. Mesmo assim, essa narrativa de traições não deixa de estar presente em várias obras sobre a sua vida.

Acerca das obras que a tratam de forma pejorativa, o filme *Carlota Joaquina – Princesa do Brasil* (1995), de Carla Camurati, é o que a mostra de forma mais esdrúxula, é uma comédia que retrata a princesa como uma mulher histérica, infiel e encrenqueira. Trai o marido tanto politicamente, como ao manter casos com outros homens. E que ainda, manda matar a mulher de um de seus amantes. É um filme que reforça estereótipos sobre o Brasil: “não se pleiteia a posse de uma verdade histórica. Em vez disso, o que vemos é uma abordagem satírica e personalista dos eventos retratados.” (CARNEIRO e GONÇALVES, 2019, p. 7)

Podemos iniciar já observando o título da obra, ao invés de Brasil, o título do filme apresenta “Brazil”, dando uma visão estrangeira para o filme, uma vez que o país mostrado, é um país visto com um olhar de fora, cheio de estereótipos cômicos.

Mesmo sendo um filme dito como histórico, ele não se abstém de fazer uma narrativa satírica e exagerada dos personagens, e do Brasil:

o filme de Camurati - já que nele a história de Carlota Joaquina é narrada em inglês a uma menina escocesa - parece, através do distanciamento assim logrado, estar se referindo a um país bizarro, ridículo, paródico, carnavalizado em que tudo se resolve com gritos e exageros interpretativos. A elogiada atuação de Marieta Severo no papel da protagonista peca, aliás,

por exageros expressionistas que reduzem a personagem a pouco mais do que uma caricatura histórica e ninfomaniaca. O mesmo se pode dizer do D. João VI criado por Marcos Nanini. (BRUNETI, 1998, p. 155)

Esse filme é marcado por estereótipos construídos desde os princípios da República, assim como as outras obras, biografias, peças de teatro e livros que a representa de forma tão caricata.

Muitas dessas asserções foram sem dúvida inventadas posteriormente, oriundas de inimizades políticas. E nem pode um historiador sério consubstanciá-las por meio de provas concretas. Numa tentativa de esboçar o retrato de Dona Carlota não pode entretanto deixar de referir-se a elas. (CHEKE, 1949, p. 22)

Carlota é então retratada como uma mulher com temperamento forte, que sempre almejou um destaque político tanto do lado português como no espanhol, porém nunca teve sucesso. Por ser uma mulher na disputa de poderes, não foram poucas as campanhas negativas feitas a sua imagem, “que não é muito diferente de outras mulheres daquele mundo, silenciadas, condenadas ou esquecidas pela História.” (AZEVEDO, 2003, p. 22)

A sátira e a zombaria foram um dos meios utilizados para isso, a construção e a caracterização de um personagem tão caricato, que a fez ser esquecida ou mal vista na memória da história do Brasil.

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados neste artigo, sobre a representação caricata em torno da imagem de Carlota Joaquina de Bourbon, é possível identificar que a princesa espanhola viveu em uma época marcada por radicais mudanças na estrutura de poder do mundo, principalmente na Europa, onde o absolutismo monárquico, regime que ela representava, estava em declínio em razão dos ideais liberais advindos da Revolução Francesa. Desta forma, Carlota passou por um período cheio de transformações, com revoluções e monarcas perdendo a cabeça. Foi nesse contexto que a princesa espanhola passou a sua vida na busca de obter poder político, além de ser filha, esposa e mãe de reis.

Em toda a sua vida foi fortemente controlada pelo marido Dom João VI, que não compartilhava de seu poder com ela, em razão disso, tramou pelo menos cinco conspirações para alcançar o que almejava. Todas foram reprimidas pelo marido e fracassaram.

E assim, como a história é contada pelo lado vencedor, e ainda mais por ser uma mulher em um período que era basicamente dominado por homens, houve um processo de demonização da imagem de Carlota, sendo ela, a “vilã”.

Desta forma, foi possível analisar que Carlota Joaquina tem sua imagem construída como uma mulher feia, maquiavélica, devassa, intrigante, vulgar, grosseira, extremamente infiel, manca, com muitos pêlos e com um insaciável apetite sexual. E nunca é representada como uma mulher inteligente e sagaz para a sua época.

Todas essas descrições, acabam sendo um fato controverso sobre a vida de Carlota Joaquina, já que as obras divergem sobre a sua representação. Às vezes é descrita uma mulher ultrapassada e conservadora, que tentava manter a todo custo as estruturas do absolutismo monárquico, em outras é uma mulher que teve centenas de amantes, tendo filhos com vários deles.

E dois fatores explicam essa construção caricata de Carlota: O primeiro seria pela princesa representar uma monarquia absolutista em um período onde o mundo estava em um processo de mudança para regimes mais liberais, dessa forma, tanto escritores liberais do século XIX e XX, como defensores da luta republicana no Brasil e em Portugal, utilizaram de propagandas com imagens negativas, como um instrumento de luta política contra a monarquia.

E o segundo fator seria por Carlota ser uma mulher ambiciosa em busca de poder, diferente do que é “aceito pela sociedade”, tanto a de sua época, como da nossa sociedade atual, que ainda possui poucas mulheres em grandes cargos de poder, e não faz muita questão de torná-las evidentes na história do país, uma vez que as estruturas patriarcais ainda estão enraizadas no dia a dia do Brasil.

À vista disso, Carlota Joaquina é representada de forma extremamente caricata em diversas obras, sendo elas biografias, romances ou até mesmo produções cinematográficas, que tem sua narrativa influenciada pelo período em que o autor está inserido.

A história da princesa Carlota Joaquina se torna apenas um exemplo, é mais uma das diversas mulheres que tem sua história apagada, reescrita ou esquecida, sendo renegadas a papéis coadjuvantes – de esposa e mãe –. E quando estas buscam ter algum poder, são desqualificadas como personagens loucas ou más, construindo uma figura tão caricata, que fica enraizada na história.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. **Carlota Joaquina na corte do Brasil**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003.

BRUNETI, Almir de Campos. **Paródia e Antifeminismo**: O Olhar Patriarcalista de Carla Camurati em Carlota Joaquina. **Revista Cerrados**, v. 7, n. 7, p. 150-157, 1998. Acesso em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/925>>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

CARLOTA Joaquina, Princesa do Brazil. Direção: Carla Camurati. Produção: Carla Camurati, Bianca de Felippes. Roteiro: Carla Camurati, Melanie Dimantas, Angus Mitchell. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes e Produções, 1995. DVD (101 min.).

CARNEIRO, Maristela; GONÇALVES, Vilson André Moreira. (2019). **Filmes Históricos e Gênero**: entre verossimilhança e carnavalização. **Revista OPSIS**, [online], v. 19, n. 1, p. 1-19, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/o.v19i1.53472>>. Acesso em: 02 de Nov. de 2020.

CASSOTTI, Marsilio. **Memórias de Carlota Joaquina**: a amante do poder. 1ª Ed. São Paulo: Planeta, 2017.

CHEKE, Marcus. **Carlota Joaquina**, a rainha intrigante. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1949.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DEVASSA. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/devassa/>>. Acesso em: 11 de junho de 2020.

DUARTE, André Luis Bertelli. **D. João VI**: três momentos de um caricatura histórica. **Revista Fênix** (UFU. Online), v. 15, n. 1, p. 1-22, 2018. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/449>>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Laurentino. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

HAHNER, June E. (1981). **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. (Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa, trad.). São Paulo: Brasiliense.

HISTORY. **Promulgada a Lei Sálica**. Disponível em: <<https://history.uol.com.br/hoje-na-historia/promulgada-lei-salica>>. Acesso em 06 de dez de 2020.

LIMA, Oliveira. **D. João VI no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do commercio, 1908. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6655>>. Acesso em: 06 nov. de 2020.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho. **O USO DE LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA E A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA**. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em 06 de dez. de 2020.

MICHAELIS. Dicionário prático da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

REINATO, Eduardo José. “**De Rei Fugão a Construtor do Império Luso Brasileiro: D. João VI e as Transferência(s) em Linhas, Traços e Cores**”. **Revista KARPA**, 5.1-5.2, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/7791105/Eduardo_Jos%C3%A9_Reinato_DE_REI_FUG%C3%A3O_A_CONSTRUTOR_DO_IMP%C3%89RIO_LUSO_BRASILEIRO_D._Jo%C3%A3o_VI_e_as_Transfer%C3%A2ncia_s_em_Linhas_Tra%C3%A7os_e_Cores_>. Acesso em 21 de junho de 2020.

REZZUTTI, Paulo. **Mulheres do Brasil: a história não contada**. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. **Acerca do Conceito de Representação**. **Revista de Teoria da Historia**, Goiás, v. 6, n. 2, p. 27 – 53, 2011.

SANTOS, João Felício dos. **Carlota Joaquina: a rainha devassa**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2008.